

FH reage a críticas com filosofia

Durante aula inaugural na Universidade Sarah, presidente desabafa e faz distinção entre saber e poder

Gustavo Miranda

Mônica Gugliano

BRASÍLIA

O presidente Fernando Henrique Cardoso recorreu aos conhecimentos de sociologia e ciência política para responder às críticas dos aliados e da oposição, que discordam dos critérios de escolha do novo Ministério. Ao dar a aula inaugural do curso de pós-graduação em ciências da reabilitação da Universidade Sarah, aproveitou o tema Poder e Conhecimento, fora sugerido pelo cirurgião-chefe, Aloísio Campos da Paz, e devolveu os ataques.

Em 45 minutos, citou filósofos e pensadores gregos para justificar seus atos. Partindo da abordagem do alemão Max Weber para as diferenças entre conhecer e poder, assinalou que seu governo não se move por impulsos imediatistas e que é preciso construir os caminhos para atingir os objetivos.

— Não basta estar convencido, não basta proclamar objetivos. Ao cumprir os caminhos para que cada objetivo seja atingido, cada passo tem que ter uma reflexão sobre as consequências das alianças feitas, das escolhas, das decisões tomadas. É o que o homem de responsabilidade política tem que medir não é se ele está a cada instante no púlpito, proclamando a verdade. Mas se ele está conseguindo avançar o processo na direção dos objetivos a que se propõe — explicou.

De acordo com o presidente, do ponto de vista da ética de quem mede as consequências de seus atos e de quem quer modificar uma situação, não se deve proclamar o que se fará. Depois de uma semana em que seus aliados reclamaram de suas respostas dúbias, da falta de informação sobre as mudanças e de suas opções partidárias para compor o primeiro escalão do Governo, observou:

— Pode-se dizer que na ética da política a ambigüidade e a mentira são partes constitutivas? Não. A ambigüidade, talvez. A mentira? Não. Mas em certos momentos, cala-se. O homem de Estado não pode dizer tudo que sabe, sob pena de, ao proclamar, prejudicar o Estado, a nação e o povo. Ele é obrigado a não dizer. O homem de ciência é obrigado a dizer. Há diferenças complexas entre ambos. O homem político, e me refiro a político com P maiúsculo, mede as consequências.

Na platéia, Antônio Carlos e José Serra

A aula foi assistida por 200 convidados, a maioria médicos. Mas estavam na platéia, na mesma fileira, dois dos personagens que protagonizaram a última disputa pelo poder no Governo: o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), e o ministro da Saúde, José Serra (PSDB). Na fileira de trás, estava o líder do Governo na Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), filho do senador.

— Todos temos que ter a humildade de saber que, por mais que nós pensemos, haverá sempre momentos em que a decisão e a descoberta vão ser motivadas por razões. Como dizia Pascal: há razões que a própria razão desconhece — disse.

A diferença entre quem crê e proclama e quem atua e constrói, argumentou, poderia levar à conclusão de que existe incompatibilidade entre aqueles que acreditam e os que atuam. Na verdade, observou, as questões são muito mais complexas. Para exemplificar, citou a diferença entre o comportamento de um cientista, que pode comprovar se sua hipótese é certa ou não, e o de um político.

— Não é esse o caminho da política. No caminho da política, aqueles que proclamam o que vão fazer dificilmente fazem. E freqüentemente o fato de proclamar impede que se faça — disse.

Citando o livro "Terror e humanismo", do filósofo Maurice Merleau-Ponty, que analisa os processos em Moscou nos anos 30, Fernando Henrique apontou as questões, que considera atroz, e que atormentam qualquer político que tenha noção de suas responsabilidades. Isto é, aquilo que de fato se faz e o que, na prática, resulta das ações. Na luta política, disse, muitas vezes os envolvidos são responsabilizados por aquilo que não cometeram.

— Quantas vezes o político, do ponto de vista do senso comum, é acusado de ter feito o que não fez? Muitas vezes, mesmo acusado, ele cala, porque ele tem que pensar: eu não fiz. Mas será que, ao tomar tal decisão, eu não criei a possibilidade de que outros fizessem? Portanto, sou responsável? — perguntou, comparando essa dúvida a de um político que chega ao confessionário e não tem nada para confessar ao padre: — Ele pessoalmente não fez nada, não existe imputação em sua conduta. Não obstante, no jogo político, haverá uma imputação na conduta política geral. E ele, queira ou não, e aí vem a ambigüidade, assume parte da responsabilidade daquilo pelo qual ele não é responsável. Vê-se, então, quantas complicações existem nesse jogo entre o saber e o poder — acrescentou.

Fernando Henrique, que ao longo do mandato tem colecionado títulos acadêmicos no exterior e repetido que é fácil governar, salientou que o saber é imprescindível para quem exerce o poder. Ele admitiu que, talvez, exerçam com mais felicidade o poder aqueles que não sabem. Mas considerou que a capacidade de atuação desses é limitada, do ponto de vista da relação de conhecimento e poder, numa crítica indireta aos seus possíveis adversários nas eleições deste ano.

— Para uns será uma tormenta. Para os que têm força interior e capacidade intelectual, é um desafio — observou, com modéstia.

Hoje, segundo ele, há uma simbiose, uma amalgama, entre poder e saber. Isso faz com que aqueles que não sabem não possam. Também faz com que aqueles que sabem muito possam tanto que se torna arriscado crer nesse saber sem controle. ■



FERNANDO HENRIQUE na aula inaugural da Universidade Sarah: em reflexões sobre poder e conhecimento, recados para os partidos que criticaram a reforma ministerial